

CONTEXTUALIZAÇÃO DA AGRICULTURA FAMILIAR: um relato de experiência

CONTEXTUALIZACIÓN DE LA AGRICULTURA FAMILIAR: un relato de experiencia

Philippe Stéphanou Gonçalves Corrêa

Universidade Federal de Lavras, Departamento de Administração, Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável e Extensão, Lavras, MG, Brasil
philipestephanocorrea@hotmail.com

Paula Regina Wenceslau Lloyd

Universidade Federal de Lavras, Departamento de Administração, Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável e Extensão, Lavras, MG, Brasil
paula.lloyd@inss.gov.br

Eridani Isaacs Vasconcelos

Universidade Federal de Lavras, Departamento de Administração, Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável e Extensão, Lavras, MG, Brasil
eridaterra@gmail.com.br

Thiago Rodrigo de Paula Assis

Universidade Federal de Lavras, Departamento de Administração, Coordenador e Professor do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável e Extensão, Lavras, MG, Brasil
thiagoassis@dae.ufla.br

Resumo

O presente ensaio trata-se de um relato de experiência desenvolvido por alunos da Pós-graduação do Programa de Mestrado Profissional em Desenvolvimento Sustentável e Extensão da Universidade Federal de Lavras (UFLA), como proposta final da disciplina de Campesinato e Agricultura Familiar no Brasil. O objetivo do estudo foi relatar o contexto de vida, social e econômico de uma família de agricultores que residissem no campo. A visita ocorreu a agricultores residentes em um sítio, na zona rural do município de Lavras-MG. Procurou investigar o modo de vida e trabalho dos anfitriões com a perspectiva de correlacionar teoria e prática, por meio dos ensinamentos teóricos percebidos com as literaturas clássicas que abordam os temas envoltos à agricultura familiar e campesinato.

Palavras-chave: Agricultura Familiar. Contraste de teoria e prática. Sítio Capão do Espinhaço Lavras-MG.

Abstract

El presente ensayo se trata de un relato de experiencia desarrollado por alumnos del Postgrado del Programa de Maestría Profesional en Desarrollo Sostenible y Extensión de

la Universidad Federal de Lavras (UFLA), como propuesta final de la disciplina de Campesinato y Agricultura Familiar en Brasil. El objetivo del estudio fue relatar el contexto de vida, social y económico de una familia de agricultores que residían en el campo. La visita se produjo a agricultores residentes en un sitio, en la zona rural del municipio de Lavras-MG. Se buscó investigar el modo de vida y trabajo de los anfitriones con la perspectiva de correlacionar teoría y práctica, a través de las enseñanzas teóricas percibidas con las literaturas clásicas que abordan los temas envueltos a la agricultura familiar y campesina.

Keywords: Agricultura familiar. Contraste de teoría y práctica. Y en el caso de las mujeres.

Introdução

Estudar o campesinato e agricultura familiar no Brasil requer situar-se num quadro teórico e político de discussões, sobre diversos temas que se entrelaçam pelo contexto histórico, cultural, organizacional, econômico e social.

A história do campesinato no Brasil pode ser definida com o registro de lutas ocorridas desde a colonização para conseguir um espaço próprio na economia e na sociedade. Estas lutas, reportam a busca por um espaço produtivo, pela constituição do patrimônio familiar e pela estruturação do estabelecimento como um espaço de trabalho da família (WANDERLEY, 1996).

Neste sentido, a mesma autora citada acima, ao contextualizar as raízes do campesinato no Brasil, relata o surgimento de uma nova categoria da sociedade rural envolto pela agricultura familiar. Nesta nova categoria, a família, ao mesmo tempo em que é proprietária dos meios de produção, assume o trabalho no estabelecimento – seria um conceito genérico, que incorpora uma diversidade de situações específicas e particulares (WANDERLEY, 1996). Essa categoria apresenta uma cultura própria, ligada à tradição, regras de parentesco, herança, etc., visando garantir a sobrevivência no presente, com referência a um projeto futuro no interior da família.

Guanziroli e Di Sabbato (2014), ao analisar a evolução da agricultura familiar no Brasil, escreveram que a agricultura familiar é um segmento heterogêneo, com diversos subsegmentos. Acerca dessa diversidade Lamarche (1993) representou a agricultura familiar por quatro diferentes modelos teóricos, a partir das lógicas familiares e do grau

de dependência, que apresentam situações extremas, muito familiar e muito dependente, pouco familiar e pouco dependente.

Dessa forma, Lamarche (1993) propôs quatro modelos teóricos a agricultura familiar: modelo de empresa, modelo de empresa familiar, modelo de agricultura camponesa ou de subsistência e modelo de agricultura familiar moderna. O modelo de empresa caracterizaria por relações de produção com pouco ou nenhum familiar/dependente envolvido e são dependentes de planos tecnológicos, financeiros e comerciais. No modelo empresa familiar o trabalho estruturaria, principalmente, em torno de mão de obra e patrimônio familiar, com pensamento em termos reprodução familiar. No modelo de agricultura camponesa haveria uma preponderância das lógicas familiares e uma fraca dependência em relação ao exterior, com produção reduzida, uso de pouca técnica e satisfação de necessidades familiares. Já o modelo de agricultura familiar moderna romperia as limitações familiares materiais, como ideologia e dependência técnico-econômicas (LAMARCHE, 1993).

A inserção de produtos no mercado é outro fator a ser considerado pelos agricultores, em especial os de pequenos e médios portes. Nessa preleção Maluf (2004), destacou o aspecto territorial donde se origina os produtores familiares, ligando a produção ao aspecto cultural e regional a que está localizado. Isto, aproximaria as relações de produção e consumo, ao escoar a produção no próprio território cultivado, criando confiabilidade entre os clientes que conhecem a origem dos produtos comercializados.

Algumas facetas têm gerado preocupação nas últimas décadas com relação à permanência de povos e constituição de famílias no campo. Uma faceta negativa, diz respeito à tendência de migração jovem e masculinização da população que permanece no campo. Para Stropasolas (2013), isto estaria ligado às características culturais da sucessão camponesa e a uma problemática social que envolve, por um lado, a dimensão macroestrutural (com componentes sociais, econômicos, políticos, institucionais, etc.) e, por outro, um sistema cultural com raízes históricas que é continuamente reproduzido pelos diversos segmentos da agricultura.

Opondo-se a faceta negativa, observa-se o que Van Der Ploeg (2009) chamou de recampesinização, que pode ser considerado com um êxodo urbano para o campo. Esse processo reside na relevância do modo de produção camponês frente a alguns dos

principais problemas globais (desemprego, fome, escassez de alimentos etc.), e por que muitas pessoas estão se reconstituindo como camponeses.

Não pairam dúvidas que a agricultura familiar é fundamental para a segurança alimentar do Brasil e que sua permanência nos dias atuais envolvem uma série de fatores culturais que inferem nessa aptidão de prolongar-se em projetos futuros.

Desejosos de contrastar os conhecimentos acadêmicos adquiridos na academia à realidade de agricultores familiares, pelo binômio teoria e a prática, este trabalho nasceu de uma atividade proposta pela disciplina de Campesinato e Agricultura Familiar no Brasil do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável da Universidade Federal de Lavras (UFLA). A proposta, consistiu em conhecer uma família de agricultores familiares que residissem no campo e, a partir, de entrevistas livres e observação investigasse seu modo de vida e trabalho.

Procedimentos Metodológicos

Este artigo traz o relato de experiência de três discentes de pós-graduação da Universidade Federal de Lavras (UFLA), acerca de uma vivência realizada no dia 6 de junho de 2018, das 14h00min à 16h00min no Sítio Capão do Espinhaço, propriedade rural, localizada a aproximadamente 5 km do centro da cidade de Lavras-MG.

Primeiramente, buscou-se contatos de famílias agricultoras dispostas a receberem os discentes na região de Lavras-MG. Após a identificação de uma família disponível, uma visita foi agendada à propriedade rural.

Durante a visita, buscou-se relacionar com os proprietários do sítio, no intuito de conhecer sobre suas realidades. Para alcançar essas informações, foi realizado um percurso guiado pela propriedade, com diálogos informais com os membros da família e observações.

Destaca-se que este estudo foi do tipo teórico empírico, que buscou levantar dados qualitativos a respeito do estilo de vida e modo de produção familiar dos agricultores residentes no Sítio Capão do Espinhaço no município de Lavras-MG.

Em consonância com o objetivo proposto, a pesquisa adotou a natureza descritiva, método que busca expor o objeto pesquisado, examinando e descrevendo suas características pertinentes (COLLIS; HUSSEY, 2005). Gil (2008, p. 28) ensina que pesquisas deste tipo

“têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis”.

Neste sentido, a partir da perspectiva qualitativa empregou a análise de conteúdo interpretativa aos resultados obtidos com o auxílio da fundamentação teórica adotada. Segundo Minayo (2015) pesquisas de abordagem desse tipo qualitativa visavam responder questões particulares, considerando no âmbito da realidade social um conjunto de fenômenos humanos: significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes.

Descrição da Vivência

Identificou o modo gerencial da produção e vida dos sitiantes, que desenvolviam há aproximadamente dois anos atividades tipicamente rurais. Antes todos do grupo familiar viviam no centro urbano de Lavras-MG, e desenvolviam atividade comercial em negócio próprio.

Os moradores desse sítio integram-se em duas famílias, sendo pai e filha, com seus respectivos cônjuges que vivem em união estável. O pai, Luciano é formado em Matemática, Aline sua companheira é formada em Letras, Humberto, o genro tem formação técnica em Próteses Dentárias e Letícia, a filha iniciou curso superior em Educação Física, mas desistiu.

A escolha em viver no campo e dele fazer sua principal fonte de renda, partiu de Humberto que alugou um pequeno sítio para morar com Letícia e sair do meio urbano, objetivando a sobrevivência no meio rural. A ideia chamou a atenção do sogro, que após inúmeras conversas chegaram ao consenso de morarem todos juntos, alugando uma propriedade maior [a atual]. Pelo relato, observa-se que o autor Van Der Ploeg (2008) considerou como recampesinização ao desmistificar o conceito de atrasado de camponês, ao buscar autonomia, construção, aperfeiçoamento, ampliação e defesa de recursos essenciais e sociais.

A propriedade é arrendada e possui doze hectares de terra. No início, a ideia da família era trabalhar com gado de corte e cultivar a terra apenas para consumo próprio. Com o passar do tempo, observaram que a produção de hortaliças era um negócio viável e abandonaram a pecuária. Assim, sublocaram dez hectares da propriedade para pecuária e em apenas um hectare é realizado o manejo, com plantios diversificados e criação de pequenos animais.

Os sitiantes – que será chamado de agricultores familiares – relataram que têm o sonho de serem donos de uma propriedade rural, para além das hortaliças cultivarem plantações perenes de longo prazo. Esse sonho, reporta aos ensinamentos de Martins (1981) e Romeiro (1998) que diante das adversidades vividas pelos camponeses, dissertaram sobre as condições de trabalho do campo por diversas épocas históricas: fim da escravidão, morgadio, agregados e posseiros, num período que estende do feudalismo à ditadura militar no Brasil. Tais autores elucidam as condições precárias do trabalhador do campo, seus arranjos para garantia de sua sobrevivência e a situação de poder para ter acesso à terra.

A agricultura cultivada pela família, baseia-se no poli cultivo de hortaliças, legumes, frutas, roças e criação de porcos e galinhas. As principais espécies cultivadas são: banana, mandioca, alface, couve, salsinha, cebolinha, espinafre, couve flor, brócolis, repolho, beterraba, alho poro, batata doce, inhame, mamão, laranja, acerola e maracujá. Para manter essa produção, toda a família é envolvida e mais um ajudante assalariado, Adriano. Das cinco pessoas envolvidas nas atividades diárias, quatro se dedicam exclusivamente na produção em si, e uma é responsável pela comercialização, divulgação e comunicação com os clientes.

A produção do sítio é voltada para o autoconsumo da família e para comercialização. Os produtos são comercializados na cidade de Lavras-MG, sob encomendas dos clientes. Contam com uma clientela fixa de oito restaurantes, oito trailers e aproximadamente 40 famílias consumidoras, que são atendidas por telefone através do aplicativo “WhatsApp”. Todas as encomendas são entregues em domicílios, sendo realizado um rodízio por zonas territoriais da cidade. Os produtos de origem animal – porcos e galinhas, são vendidos em frigoríficos já escarnados. Para complementar a diversidade de produtos oferecidos aos clientes, além da produção própria, o empreendimento familiar compra de outros produtores algumas mercadorias agrícolas.

No sítio as principais atividades realizadas pela família enquadram-se ao modelo de agricultura – empresa familiar, pela forte lógica familiar e alta dependência do mercado, pois tem uma produção simples de mercadorias para a geração de renda (LAMARCHE, 1993; VAN DE PLOEG, 2008).

O manejo agrícola realizado na propriedade é realizado da seguinte forma: preparo do solo com o auxílio de um micro trator; adubação a base de esterco de gado, calcário e NPK (adubo químico); a capina é realizada manualmente e as mudas de hortaliças são adquiridas

no comércio local da cidade. Utilizam como técnica de cultivo a rotação de culturas e esporadicamente usam a cobertura morta para cobrir os canteiros de plantas de ciclos mais longos. Para garantir a frequência do abastecimento dos clientes é obrigatório o plantio diário de novas mudas.

Para assegurar o desenvolvimento das culturas fez-se necessário a instalação de um sistema de irrigação, por aspersão. Foi relatado que para garantir esse investimento de irrigação e aquisição do micro trator tiveram que vender um veículo.

Mencionaram alguns desafios e limitações vivenciados durante esses dois anos de atividades agrícolas: 1) a falta de capacitação técnica para a agricultura – seus conhecimentos foram adquiridos por pesquisas na internet, trocas de experiências com demais agricultores e programas televisivos e práticas diárias, o que muitas vezes levou ao insucesso; 2) ausência de assistência técnica e extensão rural; 3) a condição precária das estradas para escoamento da produção; 4) falta de acesso a créditos; 5) o árduo trabalho exigido na limpeza manual dos canteiros, pela posição desconfortável de trabalho – trabalham abaixados; 6) a difícil concorrência com os grandes mercados; e a 7) dificuldade na captura de novos clientes e nichos de mercados;

Complementando a renda familiar é realizada a revenda de cosméticos por um membro familiar do sexo feminino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observou, que mesmo com todos os desafios de viver no campo e de trabalhar na agricultura, algumas famílias logram êxito nesta escolha de vida. No caso da propriedade visitada, os membros da família se mostraram satisfeitos pela escolha de sair da cidade para tentar a vida no campo. É necessário enfatizar a importância socioeconômica dessa atitude ao passarem de consumidores na cidade, para produtores agrícolas. Essa transição contribui para a economia local e segurança alimentar da região.

É necessário o estímulo e fortalecimento a agricultura familiar, tanto por parte de governos em facilitar o acesso à terra, ao crédito e a assistência técnica e extensão rural, quanto por parte dos consumidores de centros urbanos valorizarem aos produtos da agricultura familiar e local.

Mesmo com o relativo sucesso observado pela família visitada, não se pode generalizar essa experiência como sendo a realidade da agricultura familiar, pois o meio rural brasileiro é extremamente heterogêneo, tanto social, cultural e ambiental. Por exemplo, no caso do sítio Capão do Espinhaço, a proximidade com a cidade, facilita o escoamento da produção, viabiliza economicamente o plantio e comercialização de hortaliças, que são produtos que geram renda em curto espaço de tempo, embora seja um trabalho árduo. Assim, famílias que moram mais afastadas, normalmente apresentam maiores limitações para se desenvolverem economicamente, sendo obrigadas a buscar outras alternativas de sobrevivência.

Para finalizar, considera-se positiva a vivência, em especial, após o conhecimento da literatura de campesinato e agricultura familiar. Foi possível observar pontos comuns onde a teoria e prática convergem, e também perceber que sempre existirão peculiaridades regionais, locais, dentro de cada unidade familiar, que precisam ser consideradas e levadas em consideração dentro de qualquer política pública ou atividade de extensão.

REFERÊNCIAS

COLLIS, Jill; HUSSEY, Roger. **Pesquisa em Administração**. Porto Alegre. Bookman, 2005.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GRISA, K.; SCHNEIDER, S. “**Plantar pro gasto**”: a importância do autoconsumo entre famílias de agricultores do Rio Grande do Sul. **RER**, Piracicaba, SP, v.46, n. 02, p.481-515, abr/jun, 2008.

GUANZIROLI, C.E.; DI SABBATO, A. Existe na agricultura brasileira um setor que corresponde ao “Family Farming” Americano? **RESR**, Piracicaba-SP, v. 52, supl. 1, p. S085-S104, 2014.

LAMARCHE, Hugues. **A agricultura familiar**: comparação internacional: uma realidade multiforme. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 1993. 336 p. (Coleção repertórios).

MALUF, R. S. Mercados agroalimentares e agric..familiar no Brasil: agregação de valor, cadeias integradas e circuitos regionais. **Ensaios FEE**, Porto Alegre, v. 25, n. 1, p. 299-322, abr. 2004.

MARTINS, J.S. **Os camponeses e a política no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1981. p.21-102

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu Cruz. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. In: **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 2015.

ROMEIRO, Ademar Ribeiro. **Meio ambiente e dinâmica de inovações na agricultura**. São Paulo: Annablume: FAPESP, 1998, 272p.

STROPASOLAS, V. L. A crise da sucessão geracional e suas implicações na reprodução social da agricultura familiar. In: XXIX CONGRESSO LATINOAMERICANO DE SOCIOLOGIA, 2013, Santiago – Chile. **Anais...**Santiago, 2013.

VAN DER PLOEG, J. D. O mundo de produção camponês revisitado. In: SCHNEIDER, S. (Org.) **A diversidade da agricultura familiar**. Porto Alegre: Editora da UFRGS. 2009.

WANDERLEY, M. N. B. Raízes históricas do campesinato brasileiro. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 20., 1996, Caxambu. **Anais...** São Paulo: ANPOCS, 1996. p.1-16.

Recebido em 30/04/2018.

Aceito para publicação em 21/02/2019.